

# Cenas do emprego industrial

ANGELO PASSOS

O emprego industrial no país cresce sob ameaça de perder o pique, conforme a dança do faturamento das empresas. No Espírito Santo, a situação também está assim. As peculiaridades exclusivas do produto industrial capixaba não dissipam as incertezas. As nuvens negras estão lá fora. Para o ES, a quebra da Argentina tem forte rebatimento no comércio externo e, pois, no emprego. A zona do euro, outro palco encenado, representa cerca de 5% das exportações feitas pelo ES. Para aumentar a tensão, o dólar a R\$ 1,97 estava bom para exportar, mas despencou para R\$ 1,90. E só não recuou mais devido à intervenção vendedora do BC. O petróleo é outra incógnita inquietante, a ponto de fazer o Governo exumar o enferrujado gatilho automático de atualização de preços. Refazer as contas de custo a cada três meses vai ser uma aflição contábil. Atingirá principalmente a camada mais delicada da economia, as micro e pequenas empresas, justamente as que mais estão contraindo mão-de-obra.

O IBGE divulga hoje que o número de postos de trabalho nas indústrias brasileiras aumentou 1,5% em setembro/2000, comparado a setembro/99. Porém, em 99, os cenários eram muito diferentes. Mais pulsante com a conjuntura viva é o fato de que o emprego industrial não cresce há três meses consecutivos. Além disso, há dois outros indicadores a serem considerados: o parque industrial brasileiro ampliou o número de funcionários em 0,6%, no período de janeiro a setembro/2000, comparado com o mesmo espaço de tempo em 99. Já o índice acumulado nos últimos 12 meses, até setembro, ainda aponta queda de 0,6%.

No Espírito Santo há um panorama melhor, apontado pelo Ideies. Nos últimos 12 meses o nível de emprego evoluiu 6,22%. Neste ano, até setembro, o índice também é para cima: + 7,15%. Só em setembro, o qua-

dro de funcionários no parque fabril capixaba aumentou 1,13%. No ano já são 6.764 postos de trabalhos abertos. Dá uma média de 751,5 novos empregos a cada mês. Se for mantido esse pique, serão 2.254 empregos no último trimestre, que somados aos demais 6.764 totalizarão 9.018 empregos fixos (sem contar os temporários) durante o ano de 2000. Todavia não há certeza de que essa conta matemática venha a se transformar numa realidade de mercado. Dentro do próprio Ideies, as apostas giram em torno de 8 mil novos empregos. Então, a novidade é essa: desaceleração de ritmo, em função de injunções conjunturais. É fácil perceber o porquê. As vendas reais da indústria capixaba diminuíram 10,71% em setembro/2000, em relação a setembro/99.

Ressalte-se, no entanto, que 8 mil novos empregos é um resultado alvissareiro e inédito. Nunca desde o Plano Real o emprego na indústria capixaba havia registrado variação anual positiva.

Veja como foi a variação desde o início do Plano Real: em 94, as vendas reais das indústrias capixabas aumentaram 2,06%, mas o nível de emprego caiu 5,52%; em 95, as vendas cresceram 9,98% e o nível de emprego diminuiu 6,00%; em 96, as vendas caíram (-0,64%) e o emprego foi mais reduzido ainda (-5,90%); em 97, novamente as vendas tiveram desempenho negativo (-3,61%) e o emprego, idem (-9,09%); em 98, os dois indicadores voltaram a retroceder: as vendas, -1,81% e o emprego, -7,36%; em 99; as vendas evoluíram 10,15%, porém o emprego murchou (-3,05%). Em 2000, é provável que o faturamento do parque industrial capixaba cresça, em média, 15% em relação a 1999.

**ANGELO PASSOS** escreve nesta coluna às terças, quintas e sábados

■ e-mail: apassos@redgazeta.com.br

AJ 23662



PASSOS, Angelo Cenas do Emprego Industrial  
A Gazeta, Vitória 23.11, 2000 pg 5, e 6, 6